DA ORIGEM

E CARACTER DO MOVIMENTO LITTERARIO

DA RENASCENÇA

PRINCIPALMENTE NA ITALIA

MEMORIA PARA O CONCURSO Á TERCEIRA CADEIRA

DO

CURSO SUPERIOR DE LETRAS

POR

M. PINHEIRO CHAGAS

LISBOA—1867

Ao Exmo Snr Marquez de Sousa Holstein

Offe

em testemunho de [illegible] [illegible] estima

M. Pinheiro Chagas

DA ORIGEM

E CARACTER DO MOVIMENTO LITTERARIO

DA RENASCENÇA

PRINCIPALMENTE NA ITALIA

MEMORIA PARA O CONCURSO Á TERCEIRA CADEIRA

DO

CURSO SUPERIOR DE LETRAS

POR

M. PINHEIRO CHAGAS

LISBOA
IMPRENSA DE JOAQUIM GERMANO DE SOUSA NEVES
38 — Travessa de Santa Catharina — 38
(AO CORREIO GERAL)
1867

DA ORIGEM E CARACTER DO MOVIMENTO LITTERARIO

DA RENASCENÇA

PRINCIPALMENTE NA ITALIA

As grandes transformações do espirito da humanidade não se realisam subitamente, não se operam como as mudanças de scenario nos theatros á voz de um machinista mysterioso. Ainda que pareça ás vezes inexplicavel a transição repentina de um para outro seculo, a mudança completa das idéas dominantes de uma geração, podemos estar certos de que essa transformação se foi preparando lentamente na sombra, e de que essa luz inesperada que illumina o mundo é o clarão vermelho que brota do volcão entre-aberto, quando se rasga afinal a cratera depois de terem refervido longamente nos seios intimos do globo, depois de se terem agitado nas convulsões que produzem os abalos dos terremotos as lavas ardentes que afinal golpham em borbotões.

Isto succede nas transformações da politica, das letras, e das artes essa triplice manifestação das transformações do

espirito humano. Quando nos parece que a noite mais cerrada involve o mundo, quando suppomos apagada no horisonte a luz da intelligencia humana, se fitarmos bem os olhos n'esse apparente negrume, veremos sempre fulgurar a timida estrella, que accendeu no crepusculo nocturno o seu pallido fulgor, e que hade apparecer depois no horisonte a prenunciar a aurora. Essa estrella, que foi a estrella da tarde do paganismo, será a estrella d'alva da Renascença. Essa estrella, cujo clarão, atravessando o longo periodo da idade media, virá presidir ao desabrochar do mundo moderno, é a tradição litteraria, a tradição artistica, e mesmo a tradição politica, que ligando as idéas novas aos velhos pensamentos demonstrará mais uma vez a unidade do espirito humano.

Eis-nos pois entrados no assumpto do ponto. A Renascença é considerada ainda hoje por muitos escriptores como o nascer do sol dos espiritos depois das trevas da idade media. A esta dão as sombras, e á Renascença a luz que as dissipa. Suppõem que n'esse longo periodo só se accumularam ruinas e que a tomada de Constantinopla pelos turcos foi o signal da reedificação da sociedade. Parece-nos pelo contrario, e tentaremos demonstral-o, que a Renascença foi o repontar do sol antigo depois de uma longa aurora, que foi a consequencia immediata do trabalho das gerações anteriores, e que, se essa época exerce sobre nós tamanha seducção, é porque foi o momento em que, surgindo de todo no horisonte o sol da razão humana, se pôde divisar o mundo moderno, como a idade media o fizera, e que todas as suas formas, até ahi indecisas e mergulhadas no vago esplendor do crepusculo matutino, appareceram com os seus contornos vigorosos resplandecentes de luz.

Quando a torrente dos barbaros inundou o imperio romano, pôde julgar-se por um instante que todos os vestigios de civilisação se apagariam, e que o mundo recairia nas sombras immensas, onde só a mão da Providencia poderia accender o sol dos novos tempos. Não era, não podia ser duvi-

dosa a lucta. D'um lado uma raça indomita, selvagem, energica e immaculada como as neves das suas montanhas, do outro lado um povo enervado pela devassidão, desmoralisado pelo despotismo. E comtudo era no seio d'este povo que repousava a arca civilisadora. Como poderia ella sobrenadar sobre essa torrente espumosa da invasão selvatica? Que mãos a sustentariam? Em que asylo se poderia esconder para que a não profanassem as hordas do Norte? Angustioso problema que annuviava as frontes dos pensadores que viviam n'essa época nefasta, incerteza terrivel que lhes arrancava o grito funebre de desolação que resoou em toda a Europa n'esse quinto seculo, que parecia dever fechar para sempre a serie dos seculos illustrados.

Mas a Providencia velava pela sua obra. A nave, que encerrava no seu bojo o destino do futuro, não podia naufragar n'essa tempestade que devia pelo contrario ser regeneradora do mundo. Quando o paganismo caía em dissolução, brotava o christianismo em flor. Quando o alvião dos barbaros principiava a demolir as muralhas dos templos, erguia-se nas catacumbas um novo altar que resplandecia n'essas trevas sepulchraes. Quando o tropear dos cavallos dos hunos fazia tremer a terra, e oscillar o *Forum* de Roma, subia d'essas profundezas ignoradas a basilica mysteriosa dos christãos, e a sombra protectora da Cruz abrigava a tradição civilisadora, affugentada dos Porticos em ruinas.

Havia muito tempo já que o christianismo principiava a acolher, modificando-as segundo as necessidades da sua crença, as tradições da arte e da litteratura pagã. N'essa sociedade moribunda tudo o que sentia em si intelligencia, vigor, juventude de espirito era inevitavelmente attrahido para o seio da nova religião toda florescente de mocidade. Saídos das escholas dos rhetoricos d'Athenas, attraidos pelo esplendor do christianismo, os Santos Padres dos primeiros seculos da Igreja curvavam debaixo das aguas regeneradoras do baptismo a fronte perfumada pelas rosas immortaes

do seculo de Augusto. E entretanto a litteratura pagã, que não podia embeber essas corôas tradicionaes nas fontes puras d'uma inspiração juvenil, desfolhava-as ao sopro arido da affectação, da tumidez, da futilidade, de todos os vicios emfim que marcam a decadencia das litteraturas. Por outro lado a arte segue os mesmos tramites. Emquanto a arte pagã começa a substituir pelas construcções pesadas a graciosidade aerea dos antigos monumentos, e julga arremedar com o colossal o magestoso, o genio da pintura, que ha de ser o verdadeiro genio christão, baixa ás catacumbas, e faz reviver, á luz duvidosa que espalha n'essas cryptas enormes o facho ondulante no altar, as sublimes tradições da Grecia, obliteradas pela Roma imperial, e adoptadas e como que purificadas pelo Evangelho. [1]

Assim, no mesmo momento em que vai principiar a idade media, lança a civilisação antiga moribunda no terreno que será revolvido e devastado pelas barbaros os germens da renascença. Como essas plantas americanas, que expiram logo que a semente que o vento lhes arrancou principia a germinar, dando nascimento a outro individuo em que a planta mãi se reproduz, assim o mundo antigo desfalleceu calcado aos pés pelos homens do Norte, quando o pendão civilisador passou das suas mãos para as mãos firmes do christianismo. Foi no quarto seculo que as letras christãs da antiguidade attingiram o seu maximo esplendor, foi no quarto seculo que a tradição da eloquencia grega e da eloquencia latina reviveram christianisando-se, aquella em S. João Chrysostomo, esta em Santo Agostinho, foi logo no seculo immediato que o mundo romano se vio alastrado totalmente pela barbaria, cujas vagas até ahi tinham apenas salpicado de espuma, quebrando-se nas fronteiras do imperio, a fronte serena ainda que triste da velha Roma de Cesar.

[1] Gruyer *Raphael et l'Antiquité—Introduction.*

Não podendo abranger n'este rapido estudo a germinação da Renascença em todos os povos da Europa, seguiremos esse trabalho a um tempo de conservação e de desenvolvimento na Italia, porque é esse o paiz, onde, emquanto as novas nacionalidades se não fixam, o mundo crava os olhos com respeito, e d'onde recebe a luz que o illumina. No meio do seu constante abaixamento politico protegem-no a sombra do imperio romano, e o resplendor da cruz de Christo; Roma conserva no seu duplo aspecto um immenso imperio sobre a imaginação da Europa, como tumulo e como altar.

No seculo v e no seculo vi, a Italia é um vasto campo de batalha, ou antes de carnificina. A maré dos barbaros inunda-a n'um constante fluxo e refluxo. Mas o pontificado permanece firme sobre as ondas, e em torno do pontificado abriga-se a civilisação. Ao contacto religioso principia mesmo a policiar-se a barbaria invasora. A nação goda é a primeira a iniciar-se n'esses mysterios do saber, que os outros barbaros desprezam como futil ornamento da fraqueza. Theodorico, um analphabeto de genio, abriga á sombra da sua clava gothica a sciencia palpitante e quasi moribunda. Auxiliam-n'o dois homens de talento, vergonteas enfraquecidas da magnifica arvore da litteratura latina, mas sufficientes para prepararem uma nova civilisação, Cassiodoro e Boecio. Este traduz em latim Aristoteles, que será o deus da phylosophia da idade media, e abre com o seu tratado da *Consolação* o caminho ao mysticismo futuro. Cassiodoro, ministro dos chefes godos, protege as letras e nas suas *Instituições divinas e humanas* dá o modelo d'essas encyclopedias, que hão de ser nos seculos immediatos, seculos de limitado saber, e em que o *trivium* e *quadrivium* facilmente serão abrangidos por um só erudito, os baixeis em que se hade salvar a verdadeira sciencia no meio das ondas de subtilezas, de formulas vãs, de preconceitos, e de superstições que de todos os lados a hão de assaltar.

Os dois seculos immediatos são o verdadeiro momento

da crise da civilisação na Italia. A torrente dos barbaros não cessa. Impellidos para o Occidente pelas novas massas da migração oriental, os povos invasores não fazem senão acampar n'essa infeliz Italia, estação deliciosa, onde param um momento as suas peregrinações armadas. Os Barbaros succedem aos Barbaros, e só a mão poderosa de Carlos Magno saberá fazer estacar nos sitios que occupam essas tribus anciosas do desconhecido. Mas Carlos Magno ainda não surgira. Aos Godos meio civilisados seguem-se os lombardos mais rudes que nenhuns outros. A formosa peninsula transforma-se n'um lago de sangue. D'um lado as hordas selvagens espalham a devastação e a ruina, do outro lado os exarcas bysantinos exercem um despotismo insupportavel. A civilisação sossobra no meio d'este choque monstruoso.

Não ha meio de a salvar. A Igreja mesma vê-se assoberbada pelas vagas. A tempestade desola a Italia. O cataclysmo é horrivel. A ignorancia penetra nas fileiras do clero. Fogem os bons estudos açoitados pelas azas da tormenta. No meio do tumulto não se póde escutar a voz da eloquencia. O fio da tradição perde-se no labyrintho.

Não se perde que uma nova instituição vem a ponto para receber a arca santa das mãos dos levitas embaralhados na confusão da peleja, e para a guardar no tabernaculo recondito e silencioso. Essa instituição é a do monachismo, o monachismo occidental, o monachismo de S. Bento, que tem por primeira regra o trabalho e o estudo. É o monachismo que na solidão austera do claustro accende a lampada nocturna que ha de derramar a luz na sociedade barbara, a lampada serena do trabalho que hade fulgir sempre como pharol de esperança por sobre as tempestades do mundo secular.

Ninguem póde suppor decerto que o batel da velha civilisação escapasse a tantos naufragios quasi inevitaveis, passasse pelo meio de tantos escolhos sem alijar uma grande parte da carregação e sem na egar já desmastreado no

Occeano da barbaria. Entre os mais sabios monges, entre os prelados mais esclarecidos, nenhum talvez conservava pura a tradição da sciencia antiga, e os raros cultores das letras, mesmo incorrectos e deficientes, achavam-se dispersos d'um a outro extremo da Italia. Foi então que surgiu o primeiro organisador da sociedade moderna, o primeiro que pôde n'esse solo volcanico agitado por quatro seculos de tempestades lançar os fundamentos d'instituições duradouras. Esse homem, verdadeiramente grande, foi Carlos Magno. Emtorno d'elle agruparam-se, movidos pelc instincto poderoso das grandes crises, todos os elementos esparsos da constituição social. Quando o sublime imperador voltou a Paris depois de atravessar triumphalmente a Italia, levava no seu cortejo ovante os sabios que conservavam religiosamente as scentelhas do fogo sagrado. A regeneração, emprehendida pelo energico monarcha, baseava-se d'um lado na tradição politica, do outro na tradição litteraria. Era com o sopro da antiguidade que se pretendia insufflar a vida no cadaver d'um mundo. O papa sagrando o rei dos frankos imperador do Occidente, Alcuino tentando e conseguindo em parte restaurar o estudo da lingua latina, procuravam prematura e ficticiamente desatar em flores os germens da renascença. Haviam de florescer depois, mas em outras condições e alimentando-se com os succos vigorosos do mundo juvenil.

Mas se a influencia de Carlos Magno, em vez de unificar o mundo, como elle pretendia, não pôde dar em resultado senão o estabelecimento do feudalismo [1], se, em vez de restaurar a antiga latinidade, não fez senão accelerar um pouco a formação das linguas modernas, não deixou comtudo de ser proficua á tradição. As escólas, fundadas por elle, enraizam-se no solo; o estudo do latim, sem se vulgarisar, toma comtudo novas forças e aperfeiçoa-se no limitado circulo

[1] Guisot *Civilisation en Europe. Troisiéme leçon.*

onde se encerra. Mr. Villemain nota com rasão o aperfeiçoamento da latinidade nos mosteiros, nos tempos subsequentes a Carlos Magno, e mesmo a perfeição relativa das sciencias. [1] As discordias dos filhos do imperador podem de novo ensanguentar a Italia; a invasão dos hungaros póde ameaçar o mundo occidental com uma renovação das avalanchas dos seculos v e vi; Muratori póde chamar ao seculo x *secolo di ferro pieno d'iniquitá in Italia*, apesar de todas essas tormentas, a idéa da civilisação já não morre; os baluartes, onde Carlos Magno a encerrou, campeiarão triumphantes no centro da desolação exterior.

Por outro lado, a lucta que se trava entre o poder temporal e o poder espiritual, entre o papa e o imperador, resolve-se em favor do primeiro. Gregorio vii curva a seus pés a fronte coroada do Cesar germanico. Ora n'este seculo o triumpho do pontificado, como Ozanam com justiça observa, é o triumpho da civilisação. [2] Effectivamente as letras recebem um novo impulso da influencia sacerdotal; em 1078 criam-se escólas em todas as sédes diocesanas. Logo as universidades, esses mosteiros da illustração secularisada, brotam em enxame do solo. As encyclopedias condensam todo o saber da época, e familiarisam os profanos com a sciencia até ahi encerrada na sombra do claustro. O grande movimento das cruzadas põe a Europa em contacto com o Oriente mysterioso, com Bysancio, essa orgulhosa bastarda de Roma, onde a tradição antiga se conservou pouco menos corrompida pelos proprios vicios da sua decadencia, do que no Occidente pela ignorancia que de todos os lados a envolve. Ainda assim a tradição grega, escondida, mais ainda do que em Bysancio, n'alguns ninhos aérios da velha Hellade pendurados sobre o Archipelago, [3]

[1] *Tableau de la litterature du moyen âge* 3ème *leçon*.

[2] *Dante et la philosophie chrètienne au* xiiime *siécle. Discours préliminaire*.

[3] Vitet, *Journal des savants*. Agosto de 1863.

colhida pelas cruzadas, actúa efficazmente no desenvolvimento da civilisação e vem completar os elementos geradores da Renascença.

Vimos a tradição antiga preservada milagrosamente no meio das tempestades da meia-idade, vimos esse facho combatido pelos vendavaes desencadeados em torno sacudir a chamma ondeiante, que parece proxima a expirar, quando expande subitamente mais vivido clarão. Mas a Renascença não é simplesmente a renovação das letras classicas; se o fosse, não mereceria ser considerada como uma das grandes phases do espirito humano, seria apenas uma d'essas épocas estereis, todas de imitação servil, que servem de transição banal entre duas grandes crises da humanidade. Não; o movimento litterario da Renascença é muito mais complexo, e não o perceberiamos bem, se, depois de o termos ligado á antiguidade pagã pelo fio ininterrupto da tradição classica, não vissemos tambem quaes são os laços que a prendem ao espirito ardente dos seculos anteriores, ao genio verdadeiramente original da idade media que se manifesta com um vigor inexcedivel na poesia, essa filha espontanea da imaginação, essa expressão brilhante dos primeiros sonhos dos povos.

A tradição, guarda zelosa das reliquias dos conhecimentos enthesourados pela antiguidade, não podera, como dissémos, conserval-as incorruptas. Da mesma fórma que a lingua se corrompera, e, conservando as palavras, perdera as fórmas grammaticaes, assim tambem da erudição antiga conservára-se muitas vezes apenas a letra quando se evaporára o espirito. A formula ficava, e a idéa fugia. Na phylosophia Aristoteles, adorado como um deus pela idade media, assemelhava-se a um frasco de oiro, que encerrára perfumes arabes, e que um possuidor ignaro desrolhára, deixando fugir as finas essencias, mas conservando a mesma veneração pelo frasco vasio. Na poesia succedia ainda peior. Ahi sobreviviam apenas os nomes, e entre elles resplande-

cente o de Virgilio. Esse facto foi talvez favoravel á moderna poesia, porque não se impoz a imitação dos modelos latinos e gregos ás imaginações brilhantes, que anciavam por cantar sobre as ruinas d'um mundo.

Assim a poesia brotou verdadeiramente espontanea e original; assim, emquanto o sacerdocio e o monachismo conservavam zelosamente no fundo do claustro e do templo as parcellas d'oiro da antiguidade, a poesia secular espanejava-se ao ar livre, e, como um passarinho que não teme a gaiola, chilreava os mais doidos gorgeios, saltando de ramo em ramo nos laranjaes floridos da Provença, emquanto a lua banhava o seu candido esplendor na vaga somnolenta do Mediterraneo. Se alguma influencia actuava sobre essa poesia a um tempo frivola e brilhante, era a influencia oriental. A brisa calida, que obrigava essa rosa dos trovadores a desfazer-se em perfumes, era a brisa que vinha da Hespanha arabe, carregada das tepidas emanações da sua civilisação ephemera, mas scintillante de todos os esplendores do Oriente. O genio moderno desabrochava a um tempo na lingua e na poesia dos trovadores, lingua e poesia que haviam de morrer, mas não sem terem lançado no solo da Europa os primeiros elementos do livre pensamento, e sem terem perfumado a atmosphera meridional com as fragrancias de uma precoce primavera poetica.

Por outro lado nos paizes da lingua *d'oil* a litteratura dos *trouvéres*, mais energica do que a dos trovadores, introduzia n'esse mundo em effervescencia a inspiração vigorosa das raças primitivas do Norte. As tradições guerreiras dos povos germanicos, a sua fraternidade d'armas, o respeito quasi o culto da mulher, já notado por Tacito, combinando-se com um reflexo do galanteio meridional, suavisando-se com a influencia do christianismo, davam origem á instituição da cavallaria, e aos poemas em que ella se espelhava. Tambem ahi a poesia era livre, e todos os instinctos dos povos se manifestavam nos cantos d'essa litteratura nascen-

te. Se as *sirventes* audaciosas dos trovadores provençaes arremessavam os tiros da satyra aos poderes mais respeitados do tempo, os *fabliaux* dos *trouvéres* não tinham menos arrojo, ainda que debaixo d'uma fórma muito mais ironica, e diziam duras verdades aos dominadores da sociedade d'então.

E o christianismo, a alma do novo mundo, ficaria encerrado no fundo do sanctuario, e actuaria apenas por uma influencia indirecta na litteratura exterior? Não! O christianismo teve a sua poesia vaga, antes de ter o seu poeta enorme. As lendas dos santos, flores parasitas mas formosissimas, nutridas com a seiva da arvore do Calvario, desabrocharam em torno dos muros do claustro, e foram perfumar os devaneios da fé ardente do povo. As visões dos monges asceticos, essas timidas precursoras da *Divina Comedia*, deram alimento ao mysticismo dos espiritos superiores, que se embeveciam na contemplação ardente d'um sonho, cuja forma tangivel não podiam ainda encontrar na terra. A theologia, essa Beatriz que havia de inspirar o Dante, conservava-se no tabernaculo irradiando em torno de si todo o esplendor do ideal.

Porque a idade media é isso, é o ideal, é o sonho. N'esse mundo, sobre o qual fulgura apenas a aurora vaga da civilisação, passam, involtas nas suas longas tunicas, as formas vaporosas, as creações phantasticas da mente exaltada. É esse o espirito do mundo moderno, que tão ardentemente se manifesta n'essa época de elaboração, como o pensamento d'um quadro se revela no seu esboço, quando as figuras, indicadas apenas, não receberam ainda nem as formas determinadas, nem o colorido que hão de dar ás creações da phantasia uma fascinadora realidade.

Na poesia provençal o amor subtilisa-se a um ponto inacreditavel; na epopéa da cavallaria o maravilhoso encerra tudo quanto a phantasia do homem póde conceber mais esplendido, mais caprichoso, mais extravagante; é verda-

deiramente um delirio da imaginação; fadas, incantamentos, gigantes, feiticeiras, anões, um mundo ideal, intrincado, confuso, frondentissimo; a theologia toda se embebe no mysticismo do extasi. É este o caracter do mundo da idade media, é esta a seiva original e vigorosa da nova sociedade, por entre a qual a tradição classica deslisa, levando no seio o culto da forma, a adoração do real, e espalhando em torno uma luz serena e tibia que illumina vagamente a fronte dos pensadores.

Temos pois d'um lado a phantasia, o ideal, o espiritualismo, do outro lado a razão, o real, o naturalismo. A phantasia desata-se espontanea e livremente n'um florejar esplendido; a razão, que não póde abstraír das suas conquistas anteriores, conquistas que a tradição zelosamente guarda, caminha embaraçada e preza ás formulas, e vê os seus dominios constantemente invadidos pelo genio fogoso da idade media. É essa invasão, que, desnaturando Aristoteles, dá origem ao chaos immenso da phylosophia escholastica.

No meio d'esse chaos mais perigoso do que a ignorancia sobrenada a tradição apoiada em robustos espiritos. A razão reclama os seus direitos, e ousa mesmo franquear os limites sagrados da theologia. Abélard, levando nas mãos o facho do livre exame, procura derramar a luz terrena nos vaporosos nimbos do mysticismo. A Igreja vê-se obrigada a repellir a audacia do innovador.

Mas outros grandes vultos sustentam com mais firmeza esse facho que pode, agitando-se ao sopro do scepticismo, lançar o fogo ao edificio religioso. Rogero Bacon, o grande vulto phylosophico d'esse grande seculo XIII, em que se realisa o que Taine chama a primeira Renascença, [1] Alberto Magno, S. Thomaz d'Aquino, S. Boaventura sabem alargar o luminoso circulo da razão, conservando intactos os mysterios da theologia.

[1] *Voyage en Italie*—2.º volume.

Mas eis que me apparece o grande homem, o vulto colossal, o pensativo Homero em cuja mente referve todo esse mundo da idade media, tal como eu procurei descrevel-o, com o seu tumultuar confuso, com os seus extasis sublimes, com os seus arrojos de satyra filhos da agitação febril em que se revolve. Essa figura immortal é a figura do Dante, d'esse florentino scismador que fecha o cyclo da idade media, que o resume no seu livro grandioso, que accende no seu *Inferno* a fogueira immensa para onde arroja a sua época, vasando-a depois em torrentes de bronze nos moldes sublimes que fazem da *Divina Comedia* uma estatua immorredoura.

Voltemos ainda a recapitular o que dissemos, porque desejamos tornar a nossa idéa o mais clara possivel. N'esse mundo tumultuoso da meia idade ha duas correntes parallelas, que hão de confluindo, no principio do seculo XVI, formar o rio vasto da civilisação moderna. Uma é a do genio d'esses povos que brotaram das sanguinolentas nupcias do mundo romanisado com os barbaros do Norte. A outra é a da tradição classica, é o deposito das velhas conquistas da razão humana. Aquella é fervente, inquieta, satyrica, scismadora, *infantil* se assim me posso exprimir. O christianismo inspira-a, a fé ardente domina-a, e as *sirventes* e os *fabliaux* são travessuras que não inquietam a Igreja. A outra é tranquilla, severa, limpida e pensadora. É a razão que a domina, e que a arrasta algumas vezes aos circulos perigosos do livre exame. A primeira Renascença tende a confundil-as, mas (é esse o seu caracter) na fusão faz predominar a corrente moderna, e a antiga não lhe serve senão para introduzir uma certa ordem na agitação convulsa da sciencia e da litteratura da idade media.

Dante é o grande vulto que domina e fecha o seculo XIII. No seu poema toda a época se agita. Elle mesmo é o grande visionario em cuja mente delirante se atropellam os phantasmas produzidos pelos extasis da phylosophia mystica.

Engana-se muito quem suppozer que a *Divina Comedia* é o poema da fria allegoria [1]. É o poema do sonho, do delirio, da visão. Esse Ezechiel do christianismo sente-se arrastado a uma esphera de fogo, onde a sua razão não se desvaira, mas se inflamma. É por isso que elle é verdadeiramente grande, pela espontaneidade do seu genio, pelo vigor ardentissimo com que resume em si toda essa época por entre cujns vagas nos apparece agora só a sua physionomia pallida, como esse Glauco do paganismo, esse deus filho das ondas que pairava sobre ellas no momento da tempestade, e no qual a imaginação dos povos primitivos personalisava a côr *glauca* e esverdeada do mar quando a tormenta o agita.

Mas ao lado d'essa inspiração fervente ha com effeito a reflexão; um pensamento unico domina esse chaos. Dante no mesmo poema o diz, nas suas outras obras o desenvolve, e seu filho, o primeiro commentador da *Divina Comedia*, o assevera. Ha o fio da razão n'esse labyrintho da phantasia. E n'essa vasta Apocalypse qual é o personagem que representa a tendencia reflexiva? É, Dante mesmo parece querer indicar na escolha a influencia ahi visivel da tradição classica, é o vulto de Virgilio, que se nos affigura tão deslocado n'esse inferno do christianismo como a tradição pagã no mundo do seculo XIII, mas que ha de exercer no poema a influencia que a tradição exerce no mundo; ha de introduzir uma certa ordem, e ha de fazer presidir a razão serena e fria a todos os desvarios lyricos d'essa imaginação colossal e audaciosa.

[1] Macaulay nos seus *Critical and historical Essays* presentio isto mesmo, porém levou a sua theoria ás consequencias extremas, negando absolutamente a allegoria, apezar de Dante mesmo a affirmar em muitas passagens do seu poema.

> *O voi ch' avete gl' intelleti sani*
> *Mirate la dottrina che s'asconde*
> *Sotto 'l velame degli versi strani...*

Mas preciso de insistir no que já está mais que muito demonstrado? N'esta primeira tentativa de fusão do espirito antigo e do espirito moderno a predominancia, incontestavel, immensa pertence a este ultimo. Virgilio, e os tres outros grandes poetas pagãos que vem ao seu encontro no principio do *Inferno,* devem cobrir o rosto envergonhado com a chlamyde, vendo-se no meio d'uma companhia, que, mesmo na situação deploravel em que se acha, olha para elles como intrusos. Dante christianisa o paganismo, admitte as suas ficções mas dá-lhes a forma tradicional na idade media. Vejam o pobre Minos, o severo rei de Creta, em que monstro se transforma, Pluto, o deus das riquezas, como se muda em dragão de cornija de cathedral, o cão Cerbero mesmo... Virá depois a Renascença do seculo XVI que ha-de pelo contrario paganisar o christianismo.

Se voltarmos agora de relance os olhos para as artes, veremos que seguem ellas passo a passo as evoluções da litteratura. Tambem a tradição antiga se conserva cada vez mais apagada, mas bruxuleando sempre no meio das trevas mais espessas.

O vandalismo arraza os monumentos da Roma pagã; o pontificado protege-os, dá-lhes um destino religioso, colloca as obras primas dos architectos pagãos debaixo da protecção da Cruz. Mas isso mesmo é difficil de conseguir; então a tradição antiga refugia-se no claustro, e á grande pintura, á esculptura, á architectura succede a illuminura dos manuscriptos, arte modesta, na qual se conserva comtudo a ultima scentelha quasi extincta da tradição do bello.

É no facho bysantino que se vae de quando em quando avivar a arte moribunda filha do paganismo; depois, quando vem as cruzadas, é no seio ainda tepido do cadaver violado da Grecia de Phidias e de Sétinus que a tradição artistica vai procurar o sangue regenerador. N'esses asylos de que fallámos antecedentemente a arte grega abrigava-se na sua pureza primitiva, e nada tinha que ver com os moldes desfigurados da corru-

pta Bysancio. Era no cume do monte Athos, proximo d'esse firmamento azul inspirador da grande pleiade hellenica, que a arte se escondera, e era d'ahi que irradiava o esplendor, cujos reflexos iam illuminar a Italia.

Mas, da mesma forma que nas letras, existem na arte duas correntes a do ideal, e a do naturalismo, a christã e a pagã, a da phantasia que sonha e a da razão positiva que não admira senão a belleza palpavel nas suas manifestações mais naturaes, a correcção e a harmonia. É o pensamento da idade media que inspira os architectos desconhecidos d'essas cathedraes que brotam na Allemanha como uma vegetação de marmore, onde se entrelaçam todas as vergonteas floridas da phantasia; essas cathedraes, em que a idade media tão visivelmente se traduz, mysteriosas como um sonho de monge, epicas na inspiração grandiosa que preside ao desabrochar das suas innumeras estrophes de pedra como um poema de cavallaria, zombeteiras nas suas esculpturas como um *fabliau* de *trouvére*. Antes que a *Divina Comedia* brotasse, na sua unidade magestosa, da mente d'um homem de genio, já essas corporações artisticas, em cujo seio palpitava o espirito da meia idade, tinham escripto os seus cantos dispersos nas rendilhadas naves de Colonia ou de Strasburgo.

É no seculo XIII tambem que a inspiração christã procura fundir-se com a tradição classica. É a época do que Taine chama o «gothico italiano» d'essas igrejas onde em torno das columnas principia de novo a enrolar-se o acantho corinthio, onde a esculptura, renovada por Nicolau de Piza, começa a substituir formas vivas e palpitantes ao inteiriçamente cadaverico do degenerado mosaico bysantino. É a época finalmente em que nasce a grande pintura, essa arte sublime das eras modernas. Sem perder as inspirações idealistas de Cimabue, Giotto já comprehende a belleza, essa belleza luminosa de que o paganismo parecia ter conservado o incanto mysterioso.

É agora que o trabalho da renascença da antiguidade

classica se activa e toma proporções vastissimas. Depois de Dante surgem Boccace e Petrarcha. Pronunciando estes dois nomes, como que vemos altearem-se as duas columnas do portico magestoso por onde o mundo moderno vai entrar no santuario da antiguidade. Petrarcha não é só um grande poeta, Boccace não é só o fundador da prosa italiana, e os sonetos do amador de Laura, e o *Decamerone* do amante de Fiammetta não são mesmo os titulos principaes que recommendavam estes dois grandes genios á estima dos seus admiradores dos dois seculos seguintes. Hoje admiramos igualmente em Boccace o prosador delicioso, e o infatigavel restaurador das antigas letras, e votamos tanto reconhecimento a Petrarcha pelo gosto que nos dá a leitura das suas mimosas poesias como pelos serviços que prestou ao desenvolvimento do espirito humano, esforçando-se por fortificar a tradição classica ainda bastante frouxa no principio do seculo XIV.

Começa agora aquelle trabalho de exploração que vai occupar dois seculos, a procura dos antigos manuscriptos. Os dois eminentes escriptores são os mais intrepidos e perseverantes entre os mineiros. A posse de um manuscripto precioso enche-os de arrebatamento; communicam um ao outro n'um verdadeiro delirio de jubilo as noticias favoraveis que podem colher sobre a probabilidade da existencia d'esta ou d'aquella obra de Cicero. Toda a sua vida se passa n'este incessante trabalho. A restauração das letras classicas é a sua grande preoccupação. Boccace leva comsigo para Florença um professor de grego; Petrarcha escreve em latim cartas que são lidas por toda a Italia com um enthusiasmo de favoravel agoiro para os admiradores da tradição antiga.

Comtudo esta preoccupação de eruditos não influe sobre a sua originalidade de poetas. A corrente da idade media domina ainda; a sua litteratura luxuriante conserva-se intacta para apparecer com todos os seus lavores multiplicados ao sol da Renascença pagã.

Petrarcha estudando Cicero, carteando-se com os seus

amigos em latim, segue nos seus admiraveis sonetos as tradições provençaes. O idealismo christão não foi no poeta de Laura desflorado pelo minimo sopro d'esse paganismo que elle tanto admira. Pelo contrario o amor subtilisou-se ainda mais, tornou-se um sentimento indefinivel e ethereo. Laura de Sades, apezar de ser casada, mãi de onze filhos, e, segundo parece, pouco sensivel ás ternuras do conego d'Avignon, é para o seu cantor um ente vaporoso como a Beatriz do Dante, e os commentadores audaciosos, que quizerem saltar por cima da tradição historica, podem perfeitamente fazer do seu vulto a personalisação da theologia, da metaphysica ou de qualquer outra sciencia que deva pairar n'umas nuvens de gaze, inspirando sonetos aos seus mysticos adoradores.

Boccace, menos ideal, tambem não vai procurar apezar d'isso as suas inspirações á litteratura pagã, cujo estudo não cessa de propagar como erudito. Se Petrarcha pergunta ao echo de Vaucluse o segredo da inspiração dos trovadores, Boccace trouxe de Paris juntamente com a sua bagagem de manuscriptos abundantes copias dos *fabliaux* dos *trouvéres*. Será essa litteratura, expressão de uma das faces mais caracteristicas da idade media, a inspiradora do seu genio, e o formoso livro do *Decamerone* virá demonstrar a persistencia do espirito moderno entre esse primeiro afan de renovação antiga.

O seculo immediato é quasi exclusivamente de erudição. Accumulam-se os materiaes da Renascença. Os governos italianos protegem este movimento. O pontificado dá o exemplo. No solio romano sentam-se dois eruditos, Nicolau v e Pio ii, e o seu impulso contribue muito para o progresso da erudição antiga. Os Gonzagas, os Estes, e os Medicis favorecem a compra dos manuscriptos, a sua investigação, e os estudos philologicos. Começam de todos os lados a surgir as obras de auctores desconhecidos pela idade media. Petrarcha applicára o seu trabalho de explora-

ção principalmente aos escriptores do seculo de Augusto; Poggio Bracciolini desencanta uma grande parte dos discursos de Cicero, Lucrecio, Columella, e Plauto. Aos escriptores latinos seguem-se os escriptores hellenicos. João Aurispa vai a Constantinopla aprender o grego, e traz em triumpho para a Italia Xenophonte, Pindaro, e a primeira collecção completa das obras de Platão. Esta procura de manuscriptos transforma-se n'uma verdadeira febre; não se pensa n'outra cousa; é essa a occupação de um seculo inteiro.

Mas o achado dos manuscriptos origina o desenvolvimento dos estudos philologicos. É necessario decifral-os, procurar o verdadeiro sentido muitas vezes adulterado pelos copistas. Então os eruditos entregam-se com immenso ardor ao estudo das linguas classicas. O estudo do latim attinge uma perfeição desconhecida mesmo no tempo de Carlos Magno, mesmo nos ultimos seculos do imperio romano, em que Santo Agostinho, para se fazer perceber pelos seus ouvintes, tinha de commetter barbarismos, que arripiariam Cicero. Agora remonta-se ás fontes puras; os eruditos mergulham-se com delicias no puro latim do seculo de Augusto, estudam-n'o, fallam-n'o, escrevem-n'o, como se fossem contemporaneos de Horacio. A poesia latina dos fins do seculo XV e principios do seculo XVI, se não tem a inspiração dos grandes vates romanos, tem pelo menos uma correcção de linguagem pouco inferior.

Ao estudo do latim segue-se o estudo do grego. O estudo do grego! É esta de certo uma das causas principaes da Renascença. O mundo hellenico, aberto por essa chave, foi uma revelação deslumbrante. A lingua de Platão tinha sido quasi completamente ignorada na idade media, e pouco tempo antes do seculo XV ainda o estudo d'esse idioma era considerado como heretico [1]. Aristoteles, o gran-

[1] Nisard. *Études sur la Renaissance;* Mennechet *Matinées Littéraires;* etc.

de inspirador (supposto) da philosophia escholastica não era conhecido senão pelas traducções latinas, e principalmente pelas versões e pelos commentarios arabes. A volta dos espiritos para a antiguidade teve por consequencia immediata o desejo de se conhecer essa litteratura hellenica, fonte primitiva da tradição classica. Foi então que os professores gregos foram procurados, acariciados, disputados pelas cidades umas ás outras. Os bysantinos que vinham á Italia eram retidos para professarem a lingua hellenica; foi o que succedeu a Chrysoloras enviado pelo imperador do Oriente a Florença como embaixador, e que ficou professando na cidade toscana. Os italianos, que iam a Constantinopla aprender esse idioma, tido quasi na conta de divino, eram quando voltavam rodeados de uma especie de adoração. Temos um exemplo bem frisante em Filelfo, atrabiliario erudito, homem immoral e ingrato, e, apesar de todos esses defeitos, respeitado, acariciado, acolhido em todas as côrtes italianas, com deferencia e respeito. Se elle fôra a Constantinopla! se elle sabia o grego tanto a fundo! se elle era um philologo de tão vastos conhecimentos!...

A queda do imperio bysantino veio a ponto de favorecer este movimento hellenista, mas nem o originou, nem teve sobre elle outra influencia que não fosse a de dotar a Italia com um maior numero de manuscriptos, e de professores de grego. A tomada de Constantinopla não póde, no nosso entender, figurar como uma data de grande importancia na historia da Renascença.

A invenção da imprensa veio completar as condições favoraveis para a restauração e derramamento das letras antigas. Os manuscriptos encontrados, decifrados, traduzidos e copiados, ficariam sendo propriedade de um pequeno numero de eruditos se a invenção de Guttemberg não viesse dar um meio de multiplicar esses fachos, d'onde se expandia a luz do saber. A imprensa dos Aldos estabelecida em Veneza concorreu poderosamente para a transformação ci-

vilisadora que se estava operando. Aldo Manucio, rodeado de um brilhante estado maior de sabios, esperava os manuscriptos, que alli concorriam de todos os pontos, mas principalmente da Grecia, e, assim que chegava algum d'esses thesouros preciosos, confiava-o aos seus typographos para o reproduzirem milhares de vezes. Os homens mais illustres da Europa se ufanavam de serem n'essa imprensa simples revisores de provas. É verdade que uma tal revisão reclamava uma erudição vastissima: tratava-se não só de emendar os erros typographicos, mas tambem de apagar as interpolações, de supprir as deficiencias, de restituir o texto e muitas vezes de o commentar. Para esse trabalho requeriam-se philologos de primeira força. O proprio Erasmo não se dedignou de se encarregar da correcção das comedias de Plauto [1].

Eis-nos pois emfim chegados a plena Renascença. A mysteriosa semente lançada pelo imperio romano moribundo no terreno sulcado pelos barbaros, depois de ter resistido ás tempestades, depois de ter ido germinando occultamente, protegida ora pela purpura imperial de Carlos Magno, ora pela cruz hasteada nas mãos robustas de Gregorio VII, desabrochava emfim, opulenta de flores, ao sol do seculo XVI. A antiguidade classica renascia de todo. Essa Pompeia, coberta durante seculos pelas escoriações do vulcão septemtrional, em cuja excavação não se deixára de trabalhar mais ou menos, soltava emfim dos hombros a sua tunica cineraria e apparecia, radiante de juventude como outr'ora, com os seus porticos intactos, os seus templos immaculados, as suas estatuas ainda risonhas e frementes como ao brotarem debaixo do cinzel voluptuoso do artista, diante dos olhos de um mundo que a contemplava embevecido em silenciosa adoração. O sol do paganismo, que permanecera sempre no horisonte mas denunciado apenas por uma vaga aurora,

[1] Audin, *Vie de Léon* x.

como n'essas noites crepusculares dos polos, reapparecia derramando a jorros a sua luz serena.

Sim: a tradição classica triumpha, e n'esse primeiro momento, ao contemplar o jubilo dos eruditos, ao escutar esses canticos latinos que saudam a renascença pagã, póde suppor-se que o espirito moderno ficou de todo vencido, e que não ousará mesmo manifestar-se em presença d'essa expansão enthusiastica do mundo sabio. Não succede assim felizmente; o espirito moderno é já robusto bastante para não succumbir debaixo dos joelhos de uma turba de philologos. A força da tradição, manifestando-se por essa explosão das obras primas que o espirito humano produzira durante os seculos mais cultos da antiguidade, assegurar-lhe-ha a predominancia que na primeira Renascença competira ao espirito christão; em vez de se christianisar o paganismo, ha-de-se paganisar o christianismo; mas a fusão ha-de-se operar, e a civilisação moderna ha de resultar d'esse fecundo noivado.

Sim: o engodo por essa antiga litteratura, por essa sociedade saida tão juvenil do seu tumulo secular, é immenso; no seculo XV principalmente, em quanto a erudição campeiava quasi exclusivamente na Italia, a lingua de Dante e de Boccace esteve a ponto de sossobrar, tal foi o despreso que os sabios, adoradores do latim, lhe votaram. Depois, no principio do seculo XVI, ainda esse enthusiasmo pela velha lingua de Cicero obrigava muitos escriptores a despresarem a lingua vulgar; a arte fazia-se completamente pagã; o culto da forma, a adoração do bello material, o naturalismo emfim eram os caracteristicos da brilhante eschola de Florença; a igreja profanava-se com o permanente contacto d'esses marmores sensuaes da antiguidade; a castidade austera da religião não cobria o rosto diante da nudez do paganismo resuscitado; este engodo pela antiguidade tomava mesmo proporções ridiculas; a seita dos ciceronicos, tão motejada por Erasmo, levava a exaggerações inacreditaveis o ser-

vilismo da imitação, não querendo empregar nos seus escriptos senão as phrases que Cicero tambem empregára, e sugeitando assim as materias religiosas ás mais divertidas mascaradas. Sim! tudo isso é verdade, mas encaremos a Renascença n'alguns dos vultos principaes que a representam, deixemos os excessos inevitaveis n'essas grandes crises litterarias, observemos a época em geral, e vejâmos como a luz da tradição, completamente restaurada, insinúa a vida e o vigor de uma civilisação definitiva no esboço grandioso, mas vago e ideal, legado pela idade media.

Assim vemos a poesia espontanea, original, verdadeiramente nativa, floresta cheia de uma vegetação prodigiosa, ostentar ás suas maravilhas, menos epicas, porém mais risonhas, a essa luz da civilisação. A litteratura dos *trouvéres* assemelhava-se a um cerrado bosque, surprehendido pela alvorada. Perde os seus mysterios, os seus lobregos terrores, as suas visões phantasticas, mas doira-se-lhe a copa verdejante das arvores, scintillam os arroyos cristallinos. As fadas, que presidiam aos encantamentes nocturnos, desenham as suas formas candidas no fundo azul do horisonte, e transformam-se nos genios vaporosos da madrugada. Os poemas de cavallaria revivem no *Orlando* d'Ariosto, esse poema admiravel, todo capricho e esplendor, cujo matiz de seda e oiro foi bordado pela mão de uma fada da idade media na tela risonha do paganismo classico.

Se me consentem a comparação, a litteratura da Renascença, de que faço o Ariosto o personagem typico, assemelha-se para mim á nossa architectura manuelina, essa architectura gothica illuminada por um raio de luz da belleza classica. É ainda o mesmo delirio da imaginação, o mesmo rendilhado de lavores, mas a harmonia suave, a formosura serena penetrou em todos esses contornos maravilhosos. Desappareceu a visagem, desappareceu o mysterio, ficou a abundancia correcta e o esplendor tranquillo.

Na phylosophia intrincada, disputadora, frivola, discipula

falsa d'um falso Aristoteles, penetra a luz tambem; a tradição restabelece-se na sua pureza. Prestava-se a um largo desenvolvimento o estudo da acção da Renascença n'este ramo dos conhecimentos humanos. Não podendo senão tocar de relance este ponto, como todos os outros, poremos de parte a phylosophia de Platão, que, iniciada pelos Medicis, abre um novo horisonte aos espiritos, e citaremos apenas como dissemos o restabelecimento da tradição verdadeira da sciencia antiga. Um homem escolhemos para representar essa transformação: é Erasmo, o illustre pensador hollandez. O seu livro dos *Adagios*, recolhendo a essencia pura e exacta da velha sabedoria, dissipa com esse esplendor verdadeiro os phantasmas d'Aristoteles e d'outros phylosophos, desfigurados pela escholastica.

E o mysticismo será completamente abafado pela innovação pagã? Como se poderão fundir dois principios tão oppostos? Não; o ideal religioso soltará o seu grito doloroso de protesto contra as invasões do paganismo, e o mundo catholico lastimará debalde o não ter dado ouvidos a essa voz prophetica, resoando cheia de magestade e impregnada a um tempo em todo o encanto suave do mysticismo da idade media, e em toda a correcta magestade da erudição de Cicero, que resôa no pulpito de Florença. Essa voz é a de Jeronymo Savonarola, vulto, cujo papel religioso não podemos nem devemos discutir, e que apresentamos apenas encarando-o debaixo do ponto de vista da sua influencia litteraria. É elle o representante do ideal, que os novos pagãos desconhecem; mas como esse ideal, apesar de tudo, está longe dos extasis um tanto brutalisadores da meia idade! Se o prior de S. Marcos faz o celebre auto de fé de quadros e estatuas, que lhe valeu a execração pouco reflectida de certos escriptores, não é porque elle desprese a arte, mas porque a vê entrada no caminho do materialismo, e isso accende no seu espirito o fogo da indignação. «A belleza, diz elle do alto do pulpito dirigindo-se aos artistas que

o escutam, a belleza é o reflexo da alma no rosto, é o vestigio luminoso do ideal.» E os artistas escutavam com enthusiasmo a sua palavra imaginosa, e rodeiavam-n'o com amor, porque percebiam que elle era o representante d'essa tendencia que a renovação pagã menospresava um pouco, e sem a qual comtudo o espirito moderno não podia ter a sua vigorosa originalidade! E tanto isto é assim, que o vulto de Savonarola, apesar da condemnação pontifical que o fulmina, passa respeitado nos sonhos de todos os grandes artistas d'essa epoca, e Raphael, o sublime pintor, pede ao pontifice licença para collocar a figura melancholica do theologo florentino entre os doutores, que agrupa no seu quadro magnifico da *Disputa do Santissimo Sacramento.*

Raphael! Acabo de proferir o grande nome em que se incarna a Renascença. Esse vulto gracioso de adolescente apparece aos olhos da posteridade, como o verdadeiro representante d'essa grande época. É nos seus quadros que podemos admirar a perfeição suprema da pintura moderna, a vida, o realismo da tradição pagã dando fórma, colorido e belleza ao sonho, ao ideal suavissimo da pintura mystica. Discipulo de Perugino, recebendo a sua educação artistica n'essa eschola da Umbria, onde se conserva intacta a severa tradição da arte religiosa, aonde não chegam as brisas corruptoras do materialismo florentino, Raphael entra no mundo romano, trazendo já gravado no espirito o typo ideal d'onde nasce a verdadeira belleza, tendo em si mesmo a luz mysteriosa, sem a qual as figuras da tela não podem ter na physionomia essa expressão divina, cunho magistral da arte no seculo XVI. O pintor favorito dos papas vinha nas condições que debalde Savonarola procurava em torno de si na arte da Toscana.

Veio, e ao entrar em Roma tumultuaram-lhe diante da vista deslumbrada todos esses primores da antiguidade incessantemente descobertos nas ruinas da cidade rainha, ou vindo, á voz dos pontifices, de todos os pontos da Europa

enriquecer a capital do mundo christão. Raphael comprehende que, se o christianismo lhe dá a luz espiritualista, a inspiração, a alma, só no paganismo encontrará a belleza e a correcção das fórmas, a harmonia, o corpo emfim. Então n'aquelle grande espirito fundem-se n'uma só as duas tendencias. Com a cabeça em fogo, com o pincel fremente, approxima-se da tela, e as figuras vão surgindo radiantes a um tempo de belleza e de inspiração, palpitantes e extaticas, voluptuosas e scismadoras, gentis como a Venus pagã brotando do seu berço d'espuma, ideaes como a Virgem envolta na sua tunica resplendente. O mundo solta um grito d'admiração; a arte moderna revelara-se afinal em toda a sua omnipotencia.

A arte! Só essa pôde conseguir realisar completamente a sua transformação. As suas aspirações foram julgadas inoffensivas, e a verdadeira originalidade da Renascença só alli se revelou sem que a minima duvida ficasse á posteridade. Mas nas letras essa originalidade foi de prompto abafada; ainda não chegara o tempo em que o espirito humano se podia espanejar em plena liberdade nas regiões conquistadas por elle. As tendencias do espirito, livre das faixas que o tinham até ahi mais ou menos envolvido, tornaram-se arrojadas, e foram julgadas perigosas. O *fabliau* travesso da idade media e o espirito zombeteiro que ainda se podera desatar em gargalhadas irreverentes nos poemas de Pulci e de Ariosto, em França tomou um caracter demolidor no livro de Rabelais; o protesto do ideal fez-se apaixonado e revolucionario em Luthero; o espirito scientifico introduzido na phylosophia tornou-se aggressivo em Melanchton. E a prova de que o caracter da Renascença foi a emancipação do espirito humano pelo restabelecimento da tradição antiga é que a Refórma, essa deploravel exaggeração da liberdade de exame, foi na Renascença mesma que tomou força. Luthero veio á Italia, e se voltou para a Allemanha indignado pelo paganismo que reinava na formosa peninsula, tam-

bem levou para lá o espirito de independente phylosophia que o compellio a libertar-se das redes da escholastica. Mas a Refórma, ainda que Luthero fosse o seu iniciador, não tomaria forças se Melanchton não surgisse. Luthero foi a paixão; Melanchton foi o raciocinio. Melanchton, o sabio, o iniciado em todos os mysterios da tradição classica, o homem a quem os proprios catholicos respeitavam, e que recebia de Sadoleto, o secretario de Leão x, essas cartas quasi ternas que o erudito não podia deixar de dirigir a um outro erudito, apesar dos seus dissentimentos religiosos, Melanchton foi quem introduzio na Reforma o methodo, a luz, quem deu emfim a esse protesto, simplesmente apaixonado na bocca de Luthero, o vigor frio e duradouro d'um principio. A sua *Confissão d'Augsburgo* foi o Evangelho do lutheranismo.

Esse grito de rebeldia assustou emfim o pontificado. Ás exaggerações da liberdade succedeu o exaggero reaccionario. O movimento da Renascença foi comprimido pelo concilio de Latrão [1] e completamente esmagado pelo concilio de Trento. Apagou-se o espirito que animava as formulas pagãs, e as formulas ficaram, frias como tudo o que nasce da imitação. Surgio ainda na Italia um genio filho da Renascença primitiva; foi o Tasso. Todos sabemos como a sua *Jerusalem libertada* teve que luctar, apesar de toda a sua timidez, com a censura religiosa; sabemos como elle se vio obrigado a cerceal-a n'uma segunda edição, como procurou redimir os seus *erros* escrevendo um outro poema frio e insupportavel, e como essa lucta entre o seu genio ardente e o espirito oppressor do seu tempo o conduzio, mais talvez do que esse amor um tanto legendario por Eleonora d'Este, aos sombrios abysmos da loucura.

Mas a Renascença apesar de tudo lançara no mundo as

[1] N'este concilio promulgaram-se leis repressoras da imprensa, facto confirmado pelo proprio Audin, apesar do ponto de vista exclusivamente catholico da sua *Vida de Leão* x.

bases inabalaveis da civilisação moderna; a tradição antiga restabelecera-se e com ella, para assim dizermos, a unidade do espirito humano, e mesmo que d'esse grande movimento não ficasse mais do que o trabalho philologico, a fixação das linguas modernas, teriamos ainda assim que applaudir com enthusiasmo os vultos immortaes que reataram a cadeia dos tempos, e que fizeram resplandecer a luz do sol civilisador sobre o mundo moderno que saía, borboleta immensa, com as azas iriadas, da chrysalida da idade media.

FIM